

Introdução à história da União Soviética



Por **JULIAN RODRIGUES***

Comentário sobre o livro recém-lançado de Lincoln Secco

“o mundo foi melhor para a classe trabalhadora mundial enquanto a União Soviética existiu” (Lincoln Secco)

Lyotard decretou o fim das *métaréclit*^[1] no fim dos anos 1970, e de lá para cá, todo tipo de fragmentação e particularização das teorias e análises (não marxistas) se fizeram canônicas. Grandes interpretações e sínteses viraram objeto de *bullying*. Mais vale um *paper* em inglês do que um livro, né. Mas, deixemos de lado a crítica ao produtivismo neoliberal majoritário na universidade. Aqui vamos falar de um livro que vai na contramão desse *zeitgeist*.

Poder ler um livro de 160 páginas, intitulado *História da União Soviética* (o epíteto “uma introdução” aparece nas páginas internas) não é acontecimento corriqueiro. Afinal, a essa altura do campeonato, o que mais haveria a dizer de novo? O título soa como se tivéssemos diante de nós um tratado de centenas de páginas.

Não é nada disso. Lincoln Secco, como já havia feito em obras anteriores (*A Revolução dos Cravos*, de 2004; *História do PT*, de 2011), mescla rigor historiográfico, argúcia argumentativa, linguagem acessível e gosto pela condensação. Misto de crônica, reportagem, ensaio. Escrito visando um público mais amplo, o livro dialoga com quem já conhece o enredo básico da trama. É como um apanhado geral papeando com a militância de esquerda e com as diversas tradições interpretativas.

Um panorama geral, com estilo saboroso, riqueza de dados – e detalhes do tipo registrar que Lenin tinha “a sola do sapato furado” ao discursar na instauração do governo revolucionário. Apesar de alicerçado em ampla bibliografia, o autor opta por não fazer grandes digressões teóricas, embora polvilhe o texto todo com seu ponto de vista sobre os acontecimentos relatados.

Lincoln, sempre que possível, trata do tema das mulheres, das artes, da cultura, dos direitos civis, os avanços e retrocessos da revolução entre 1917 a 1991. Chama atenção também o esforço do autor em sempre cravar a classe/origem social familiar, profissão e formação das e dos principais dirigentes bolcheviques.

Stálin era “neto de servos”, Trotsky “filho de um fazendeiro”; Alexandra Kolontai, “filha de um general czarista”. Leitores apressados, talvez engajados, talvez entusiasmados, ou enredados no *looping* da “nova” polêmica sobre stalinismo x trotskismo, podem ser tentados a rotular rápido.

Secco incorpora o conceito de stalinismo. Não só usa termos como “terror em massa”. Dá amplo espaço para autores que desqualificam pessoalmente o georgiano, reverbera a imagem de Stalin como o mais tosco dos bolcheviques. Valida a ideia de que o período de “terror stalinista” foi o que mais assassinou comunistas historicamente.

Todavia, muita calma nessa hora. Antes de carimbar o livro como mais um esforço militante trotskista é preciso destacar que Lev Bronstein não é o herói da trama. O historiador considera o relatório Kruschov um “erro geopolítico” (do ponto de vista soviético) e dá espaço também para opiniões como as de Althusser e Togliatti, que discordam da responsabilização individual de Stalin e do “culto à personalidade” como explicação universal.

O livro avança, aborda a Guerra Fria, o contexto internacional e chega à dissolução do país. “O fracasso da economia socialista foi um mito. O desempenho econômico da União Soviética não era inferior aos da OCDE nos anos 1980”, crava o professor da USP.

Em uma das partes talvez mais controversas do livro, Secco caracteriza ora como “revoluções” ora como “revoltas” as movimentações acontecidas nos países do leste europeu em 1989. A chave interpretativa adotada é evidentemente vinculada à tradição “*trotska*” (que sempre defendeu como positivas a derrubada das “burocracias” naqueles países). Ocorre que depois disso só vieram regimes neoliberais capitalistas.

Didática e generosamente, o livro traz também, ao final, glossário e mapas.

***Julian Rodrigues** é professor, jornalista e ativista LGBTI e de Direitos Humanos.

Referência

Lincoln Secco. *História da União Soviética*. São Paulo, Editora Maria Antonia, 2020.

Nota

[1] LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna* (José Olympio)